

AS TRAVESSURAS HISTÓRICAS DA *CURTINÁLIA* TERESINENSE:

Sensibilidades e corporalidades urbanas em Teresina na década de 1970

*Stéfany Marquis de Barros Silva*¹

RESUMO:

Este trabalho estuda as condições históricas que tornaram possível a emergência da *Curtinália* teresinense, que consiste em um grupo de jovens que buscou se singularizar em relação a outras parcelas da juventude e da sociedade em geral, a partir da elaboração de experimentalismos artísticos no início da década de 1970. Objetivou-se evidenciar as formas de percepção acerca das relações existentes entre corpo, gênero e sexualidades, tanto a partir das regulações construídas pelos discursos normatizadores da sociedade, presentes nos jornais comerciais, que funcionaram como um dispositivo do Estado para assegurar a articulação entre as normas e a organização social, quanto nos discursos presentes nas produções artísticas experimentais teresinenses. A proposta foi evidenciar como as regulações construídas pela sociedade não são naturais e sim produto de construção cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Curtinália. Corpo. Arte experimental.

ABSTRACT:

This work aims to study the historical background that made possible the emergence of Teresina's "Curtinália", which consists of a young people group who sought to be singled out in relation to other portions of youth and society in general, from the elaboration of artistic experimentalism in early 70s. The objective was to highlight the perception about the relationships between body, gender and sexualities, both from the regulations built by society's normative speeches, found in commercial newspapers, which functioned as a state device to ensure the articulation between norms and social organization, as well as in the discourses presented in experimental artistic productions in Teresina. The proposal was to expose how the regulations built by society are not natural, but rather the product of cultural construction.

KEYWORDS: Curtinália. Body. Experimental art.

“Mini-metrópole” X “Superprovíncia”: Guerrilha discursiva e condições históricas de existência na capital piauiense em 1970

Era uma vez “um grupo de pessoas que não se aquietavam”, constituído por homens e mulheres que vivenciaram sua juventude em Teresina, durante o contexto específico do início da década de 1970 no Piauí, momento marcado por transformações na estrutura física da cidade e, conseqüentemente, na subjetividade dos sujeitos que nela habitavam.

¹ Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Membro do GT “História, Cultura e Subjetividade” (DGP/CNPq).

Essa parcela da juventude encontrava-se atravessada pela emergência histórica de uma cultura jovem nas sociedades urbanas, desencadeada pela revolução cultural empreendida na década anterior no mundo ocidental. Os reflexos desse fenômeno são percebidos, também, na capital piauiense e isso se dá a partir da elaboração de novas linguagens por parte dessa fração da juventude. Através de uma série de produções culturais, tais como jornais alternativos e filmes experimentais, esses jovens problematizaram os códigos de gênero e de sexualidade e decodificaram seus corpos, reinventando-os a partir de outra lógica que escapava aos moldes tradicionais de pensamento.

Em sua grande maioria pertencentes à classe média teresinense, esse grupo de jovens se autointitulava, no interior dessas produções culturais, de *Curtinália*, termo que faz oposição a outra parcela da sociedade, também pertencente à classe média, à qual chamavam, nos mesmos materiais, de *Granfinália*, nomeação correspondente às famílias conservadoras com seus valores tradicionais, do ponto de vista dos costumes. Esse artigo busca contar a história desse grupo de jovens que, através de suas práticas pela cidade e usos do corpo, desenvolveram para si uma singularidade em relação aos outros grupos da sociedade.

Dentre as condições históricas que possibilitaram a emergência da *Curtinália* estava o processo de modernização de Teresina, empreendido pelo engenheiro Alberto Tavares Silva, nomeado governador do Piauí pelo então presidente militar Emílio Garrastazu Médici. Diferentes pontos de vista sobre o espaço urbano da capital de então surgiram, revelando a multiplicidade de leituras possíveis sobre Teresina neste momento histórico sinalizado por atravessamentos e modificações:

I

Bom dia para você cidade de Teresina. Mini-metrópole encravada no sertão nordestino numa ânsia desesperada de libertar dos grilhões que levam-na para o sul, como terra semi-civilizada carente de tudo que cheira a progresso, a dinamismo a agressividade cultura.

Bom dia pra você, Teresina, que hoje sofre com os buracos da Cinco, como menino que ontem sofreu com o seu sarampo ou sua catapora, mas que teria sido inevitável. Amanhã as próprias cicatrizes da doença cederão o seu lugar para uma pele refrescante jovial. O asfaltamento que hoje se processa em ritmo da Teresina-Grande, é o tratamento de beleza da menina-moça que adormeceu adolescente e acorda mulher. Então, quando seus carros tiverem deslizando pelo conforto do asfalto, você não mais lembrará desses dias [...]. (SOARES, 1970, p. 2).

II

Estou te mandando essa coisa - *Gramma* - anexa, acho que você compreenderá: isso é uma espécie de “milagre”: você não conhece o Piauí e esse jornal, feito de repente por uns sete a oito meninos aqui de dentro, com idade variável entre 16 e 20 anos, tem, para nós que começamos a bagunça

com *Presença e Flor do Mal*, uma significação gratíssima. Eles tratam de problemas daqui mesmo (veja que maravilha de capa), mas com uma radicalidade que a superprovíncia não conseguiria suportar, e que nem mesmo no Rio, eu acho, foi conseguida em nossas tentativas.

[...]

Bom: espero que você vibre, como nós vibramos, com essa *Gamma* de Teresina. Os garotos vão tentar tirar um outro número na marra, agora, e tão logo saia (se sair), eu te mando. Me escreva a respeito disso, por favor - inclusive seria fantástico para os meninos daqui. Eles andam fudidíssimos por causa do jornal (ah, se você conhecesse o que é o Piauí...), e numa terra onde não acontece nada, onde nunca passou um filme de Godard e onde cabeludo não entra na escola nem nas casas das famílias, pode crer, essa *Gamma* é o que eu disse antes: uma espécie de milagre. E vai render. (TORQUATO NETO, 2004, p. 283-284).

O primeiro fragmento traz a visão do jornalista Sidney Soares e apresenta Teresina como uma cidade em vias de se tornar uma “mini-metrópole”, em pleno progresso e onde se vislumbra um cenário no qual a capital piauiense vai aos poucos se desvencilhando da designação de local atrasado (FONTINELES, 2017) em relação a outras capitais e grandes centros urbanos brasileiros. A crônica contém uma metáfora que caracteriza o asfalto de Teresina como um menino que, inevitavelmente, sofreu de sarampo ou catapora, mas que em breve as cicatrizes da doença dariam espaço a uma pele refrescante e jovial. A pavimentação asfáltica também foi metaforizada como sendo a beleza de uma “menina-moça”, que dorme adolescente, possivelmente com o rosto carregado de espinhas, e acorda uma mulher adulta.

A leitura do fragmento permite conjecturar que as expectativas do cronista em relação à transformação de Teresina, a partir da modernização empreendida no período, eram altas. Sob sua ótica, a capital piauiense passaria por uma metamorfose, através das novidades introduzidas na cidade, a partir da década de 1970. Com a pavimentação asfáltica, as novas modalidades de transporte dariam um outro ritmo à cidade, juntamente com o alargamento das ruas e a melhoria no sistema de iluminação. Do ponto de vista do articulista, essas mudanças na estrutura urbana atribuiriam à Teresina a condição de “mini-metrópole”.

O segundo fragmento diz respeito a uma correspondência datada de 7 de junho de 1972, escrita por Torquato Neto e endereçada a Hélio de Oiticica, amigo pessoal do poeta piauiense e que na época residia em Londres. Na carta, Torquato faz referência ao jornal alternativo *Gamma*, um jornal mimeografado feito por parcela da juventude teresinense no período. Pela ótica do poeta, o fato de aqui existirem indivíduos capazes de produzir um jornal intempestivo, à margem dos meios difundidos pela grande mídia e que funcionava em uma lógica contrária à imprensa de ampla circulação, como o *Gamma*, era um verdadeiro milagre.

No trecho da carta em destaque é possível ter a percepção de Torquato Neto como um sujeito extremamente incomodado com o pretense provincianismo do Piauí, especificamente da sua terra natal, sua cidade subjetiva a qual chamava de Tristeresina, a triste e linda Teresina. Ele sentiu a potência da juventude ao ter contato com os “sete a oito meninos” do Piauí que tiveram ousadia suficiente para propor algo, do seu ponto de vista, extremamente inovador para os moldes da “superprovíncia”. Torquato foi intensamente afetado pelo *Gamma*, de maneira que admite na correspondência que acha que nem mesmo os jornais nos quais ele próprio produzia conteúdo, os alternativos *Presença* e *Flor do Mal*, veiculados no Rio de Janeiro, alcançaram a mesma radicalidade que o *Gamma* em Teresina. Talvez o deslumbramento de Torquato tenha se desencadeado pela sua falta de crença no fato de que algo com uma potência criativa para a desordem pudesse surgir em um local tão provinciano como Teresina no início dos anos setenta do século XX.

Esses discursos denotam diferentes sensibilidades acerca do espaço urbano de Teresina, essa diferenciação é justificada pelas múltiplas formas de experimentação do mundo ao redor, no qual os sujeitos são atravessados e transformados permanentemente (LE BRETON, 2016). Eles enunciam a cidade a partir de diferentes óticas, sendo ela uma “mini-metrópole” ou uma “superprovíncia”, permitem que o desejo de seus narradores sejam cartografados. Desejo esse que vai traçando micropolíticas reveladoras dos modos de inserção social (GUATTARI & ROLNIK, 2013).

Para analisar um momento marcado por atravessamentos, como foi a década de 1970 no Piauí, os jornais do período constituem-se em uma fonte valiosa para mapear as sensibilidades dos sujeitos que vivenciaram essa época. A imprensa foi a grande responsável por disseminar as novidades tecnológicas que chegavam em Teresina, como a televisão que, em grande medida, modificou os hábitos e as formas de sociabilidade da população com sua enorme influência em todos os municípios do estado.

Teresina se configurava sob o impacto da modernização da indústria cultural, estava inserida em um contexto no qual o cinema, a televisão, os livros e as revistas expressavam representações de mundo e de gênero que, do ponto de vista conservador, poderiam desencadear uma degradação moral da juventude. O poder disciplinar (FOUCAULT, 2008) exercido pelas instituições e pela organização social é possível de ser analisado e entendido a partir da sua inscrição no campo da linguagem, feita através da publicação de matérias nos jornais de ampla circulação que eram veiculados na capital piauiense durante o início da década de 1970:

Aos dez, doze, pra cima, resistem e começam a se reunirem em bandas. Vivem e vêem coisas inimagináveis [...] a vida percorre como a leitura de gibis e de revistas (nem sempre convenientes), com muita televisão (idem) [...] A revista mostra-lhe tudo que a imaginação é capaz de conceber, e que uma censura benigna permite que se imprima. A televisão com programas onde há muita malícia, muita licenciosidade, disfarçada ou não, sobrecarregada de demonstrações inúteis, que exibem a vida como um perpétuo carnaval. E isso tudo para quê? Para promover culturalmente a juventude ou para degradá-la? A maioria desses jovens cria-se sem exercícios físicos, em companhia apenas das tentações que foram inventadas especialmente para perturbá-lo. Jovens que só por um milagre, quando vindos de um lar sadio, poderão resistir a tal sedução para tornarem-se homens de verdade ou mães de família dignas. (O ESTADO DO PIAUÍ, 1972).

Os avanços tecnológicos e dos meios de comunicação causavam impacto na sociedade. O discurso de modernidade carregava consigo novas formas de ver o mundo, o que despertava uma ansiedade por parte de diversas instituições tradicionais, tais como a Igreja Católica e a família, diante das transformações da sociedade. Publicada no jornal *O Estado do Piauí*, a matéria acima expressa uma preocupação despertada pelos possíveis usos que a juventude poderia fazer dos produtos fornecidos pela indústria cultural que, do ponto de vista de instituições como a Igreja Católica, eram maléficis e o consumo dessas formas de entretenimento não era recomendado. Ao modificar os hábitos culturais e interferir nas formas de sociabilidade, principalmente dos jovens, a chegada da televisão em Teresina despertou um questionamento acerca de quais seriam os programas consumidos pela juventude da época. As revistas e os gibis também eram objetos de receio e apreensão por parte das camadas mais conservadoras da sociedade. O consumo dessas formas de entretenimento pelos jovens deveria ser censurado pela família, uma vez que o Estado imprimia uma “censura benigna” em relação a conteúdos “nem sempre convenientes” para a manutenção dos costumes tradicionais.

O texto insinua que a censura imposta pelo governo militar não atuava na micrologia do cotidiano e conteúdos inconvenientes continuavam chegando nos lares através de livros, revistas, filmes e programas de televisão “que exibem a vida como um perpétuo carnaval”. O maior questionamento e crítica do texto é se o acesso à essas produções culturais promoveria culturalmente a juventude ou apenas promoveria a degradação moral e a indisciplina. A televisão é tida como uma vilã até mesmo pelo ponto de vista do discurso médico, uma vez que promovia o sedentarismo e os jovens perderiam o hábito de praticar exercícios físicos, ao invés disso, ficariam sentados assistindo aos programas exibidos pelas emissoras que ofereciam um catálogo de tentações e de “demonstrações inúteis” que poderiam perturbar os jovens que estivessem consumindo esse tipo de conteúdo. De acordo com a matéria, serem provenientes de um “lar sadio” seria a única forma dos jovens resistirem à sedução dos malefícios dos novos

padrões de consumo cultural, ou seja, a responsabilidade recai sobre a família, os pais deveriam estar vigilantes aos conteúdos consumidos por seus filhos.

A responsabilidade maior seria das mulheres, pois através das diferenças e hierarquias de gênero, a obrigação do cuidado do lar estava reservado ao público feminino, sendo assim, ficava reservado a elas o dever de promover um “lar sadio”, discurso que era reforçado pelo fato de que estas eram definidas como *naturalmente* mães e eram responsáveis pela educação dos filhos e controle do lar (CARDOSO, 2010). Sendo assim, a elas estava destinada a obrigação de garantir que seus filhos se encaixassem na *linha de desejo padrão da sociedade*, ou seja, se tornassem “homens de verdade” ou “mães de família dignas”.

As regulações construídas pelo discursos normatizadores da sociedade estão presentes na maioria dos jornais de ampla circulação do período, assim como pode ser visto a seguir, em mais uma reportagem alertando para os perigos das revistas e reforçando o discurso negativo para os novos padrões de consumo que estavam se estabelecendo:

Segundo observações atentas de educadores e psicólogos de vários países, as revistas em quadrinhos de contos de amor e faroeste são publicações de leitura altamente perniciosas, porque estão prejudicando sensivelmente os estudos da mocidade menos esclarecida, principalmente na época das aulas. São revistas que não têm nenhum fundo de moralidade, somente deturpação e destruição para a mente sadia da juventude do Brasil de amanhã. Aqui fica advertência para todos. (JORNAL DO PIAUÍ, 1971, p. 03).

Essa matéria foi publicada no *Jornal do Piauí*, outro jornal de ampla circulação que traz o mesmo discurso regulador das novas formas de consumo cultural pelos jovens. Dessa vez, é o discurso educacional que se faz presente, reforçando a norma familiar e religiosa, advertindo os pais para o perigo das “publicações de leitura altamente perniciosas” como as revistas em quadrinhos com seus contos românticos ou de ação, que estariam prejudicando o desempenho escolar dos jovens, principalmente no período letivo.

De acordo com o enunciado, o consumo das revistas em quadrinhos deveria ser desestimulado, e até mesmo proibido, pois seu conteúdo não carregava “nenhum fundo de moralidade, somente deturpação e destruição para a mente sadia da juventude do Brasil de amanhã”, ou seja, todo conteúdo que estivesse em desacordo com o que prega a moral e os bons costumes dos valores tradicionais da família deveria ser combatido. Em vista disso, é razoável afirmar que os jornais majoritários funcionaram como sendo parte de um dispositivo do Estado para assegurar a articulação entre as normas e a organização social.

Outro alvo da vigilância constante das instituições que prezam pelos valores tradicionais, com destaque para a Igreja Católica, era o cinema. Espaço de lazer que ganhava cada vez mais notoriedade nas sociabilidades dos habitantes teresinenses, inclusive das parcelas da juventude, o cinema aparecia como uma das grandes preocupações da Igreja, que buscava regular e estabelecer quais os filmes que deveriam ser consumidos ou não. Essa prática de vigilância se fazia presente desde que o cinema havia chegado em Teresina, causando deslumbramento e susto no início dos anos 1920, outro momento pelo qual a cidade passava por uma onda de modernização.

No periódico católico *O Dominical*, que circulou em Teresina do ano de 1937 até meados da década de 1970, o discurso eclesiástico legitimava-se perante a sociedade através do uso do seu poder institucional e expressava-se através de textos normatizadores e disciplinadores dos corpos, numa tentativa de moldar a sociedade através dos preceitos católicos e estabelecendo o que deveria ser seguido e o que deveria ser evitado. No caso do cinema, não era diferente, era regulado e o que era considerado *mau cinema* deveria ter seu consumo interdito, pois “o mau cinema teria o poder de transformar os códigos morais e os valores a respeito do corpo e da sexualidade, na medida em que é visto como portador de amplo potencial erótico, que seduz e fascina” (CARDOSO, 2010, p. 150). Porém, o uso de outros espaços midiáticos para além do próprio periódico católico era uma estratégia comum, mais uma vez, um jornal de ampla circulação foi o dispositivo acionado para levar a população o discurso que buscava ditar regras:

Em documento enviado ao Presidente da República o Movimento por um Mundo Cristão, após analisar 37 filmes nacionais exibidos recentemente – quase todos comédias eróticas – afirma que a mensagem predominante nas telas nacionais é o convite ‘à mediocridade, à violência, à perversão, à sensualidade e ao desregramento da vida’.

Para promover o saneamento do cinema no país, o Movimento sugere que a obrigatoriedade de exibição do filme nacional seja mantida apenas para os filmes que honram a cultura nacional, como por exemplo os filmes “Meu pé de Laranja Lima”, “Independência ou Morte”, “Casinha Pequena”, “A Moreninha” e os “Inconfidentes”.

O documento que tem o título “Contribuição ao Governo Federal para o Desenvolvimento do Cinema”, foi elaborado durante o II Encontro de Agentes do Movimento por um Mundo Cristão, realizado em Belo Horizonte.

Segundo o MMC “o cinema, uma das principais diversões do povo brasileiro, precisa merecer do governo atenção especial, tendo em vista a extraordinária influência que exerce na formação do comportamento nacional”. Diz o documento que “a gravidade do problema reside em que essa diversão está contribuindo para a corrupção do caráter e embrutecimento coletivo”

Após considerar o cinema como parte integrante dos mecanismos para educação global do povo, o MMC afirma que a “corrupção do cinema faz parte

de um plano organizado para diluir a civilização cristã”. (O ESTADO DO PIAUÍ, 1973, p. 07).

Essa manifestação é um exemplo da ação do poder pastoral no cotidiano dos indivíduos. Parte essencial desse discurso, o Movimento por um Mundo Cristão toma para si a missão de salvar a população do convite “à mediocridade, à violência, à perversão, à sensualidade e ao desregramento da vida” promovido pelas pornochanchadas, gênero cinematográfico tipicamente brasileiro de baixo orçamento, com viés humorístico e forte apelo sexual, que estavam em plena ascensão durante a década de 1970. Esse acontecimento ilustra bem o desejo de camadas da sociedade brasileira pela Ditadura Militar, a censura moral presente em documentos como a Contribuição ao Governo Federal para o Desenvolvimento do Cinema é uma reprodução da repressão em escala micropolítica. A matéria questiona até onde as comédias eróticas poderiam corromper o caráter dos indivíduos que as consumiam, a vigilância constante em prol da defesa da moral e da manutenção dos bons costumes se faz presente cotidianamente, em diversos espaços, procurando sempre cessar os mecanismos de fuga ao modelo pretendido.

O discurso expresso nesta matéria evidencia uma ansiedade dos membros da Igreja diante do sucesso das pornochanchadas e o impacto negativo que elas poderiam causar no comportamento da população, uma vez que esse gênero cinematográfico estava sendo cada vez mais consumido pelos brasileiros. Evidencia, também, a liberdade de consumo cultural que a juventude brasileira possuía, uma vez que a pornochanchada se constituía como um movimento cinematográfico social e cultural brasileiro caracterizado pelo erotismo e como sendo “uma possibilidade de prazeres por imagens em movimento, evidenciando a sexualidade, o corpo e o sexo de homens, mulheres e travestis” (BERTOLLI FILHO, C. & AMARAL, M. E. P, 2016, p. 08) ferindo a moral burguesa estabelecida pelo *regime de verdade* da época.

A imprensa vai se constituindo, assim, como um espaço de manifestação dos sentimentos causados pelas profundas transformações no campo dos costumes que o período em estudo proporcionou, tais como:

padrões de consumo, moda, sexualidade, casamento, relações com a família, uso de drogas, inserção no mundo de uma política reconceitualizada, usufruto do corpo, proposição de novos caminhos para a sociedade e para a cultura, proteção do Estado, expansão da tutela da família. (QUEIROZ, 2006, p. 273).

Os conflitos causados pelas tensões entre o novo e o velho vão sendo traçados na experiência social e delineados nas páginas dos jornais, parte de um dispositivo utilizado para

o estabelecimento de uma disciplina para a sociedade, uma vez que o discurso da imprensa oficial muitas vezes se alinhava ao enunciado pelo governo militar, além disso, a preservação dos valores tradicionais constantemente se tornavam pauta nesse modelo de imprensa.

Os ventos das transformações encontram resistência ao bater no muro das permanências. A “mini-metrópole” em pleno desenvolvimento físico-estrutural e tecnológico, chocava-se com a “superprovíncia” tradicional e com valores conservadores, receosa com os rumos que a juventude poderia tomar ao consumir os conteúdos dos novos meios de comunicação. Pode-se perceber que esse choque é refletido na sociedade a partir das múltiplas formas de percepção do espaço urbano de Teresina, fenômeno que se dá através das ressonâncias sensoriais que atravessam os corpos dos indivíduos. (LE BRETON, 2016).

A assimilação de Teresina como uma “mini-metrópole” ou como uma “superprovíncia” está relacionada diretamente com as sensibilidades dos sujeitos que a habitam, que a consomem, que a experimentam. Não existe uma única verdade sobre o espaço da cidade, mas sim uma infinidade de percepções a seu respeito, e o corpo é um dos meios por onde as diferenciações vão sendo delineadas, é através dos afetos trocados entre os corpos dos habitantes e os espaços da cidade que as sensibilidades vão sendo formatadas.

A Curtinália e os usos do corpo nos espaços urbanos

A experiência de andar pela cidade é uma experiência sensorial, ao percorrer os espaços urbanos cada indivíduo desenvolve uma sensibilidade particular. Nesse sentido, a cidade vai sendo subjetivada pela juventude a partir de práticas distintas baseadas na experimentação, logo, a fração jovem que autodenominava-se como *Curtinália* também estava atravessada e transformada permanentemente pela forma como consumia o espaço urbano de Teresina durante o início da década de 1970.

Analisando as maneiras nas quais esse espaço é consumido, é possível perceber que as formas de significação e de experimentação deste pelos indivíduos é diversa, uma vez que os modos de vida são excepcionalmente diferentes inclusive entre os sujeitos da mesma faixa etária. Em vista dessa percepção, é insuficiente tratar da juventude no singular, uma vez que existiam diversas camadas da juventude que se atravessavam e conviviam na mesma temporalidade (SIRINELLI, 2005).

A *Curtinália*, enquanto grupo, desenvolveu uma organização sensorial própria. Em meio às infinitudes de sensações possíveis, proporcionadas pelas formas de consumo em uma

sociedade capitalista, eles foram desenvolvendo maneiras particulares de significar os espaços de Teresina. Ao selecionar seus locais de sociabilidade iam significando esses espaços de acordo com seus valores próprios, elaborando, assim, distinções entre eles e as outras parcelas da sociedade.

Essa distinção foi sendo reforçada a partir de múltiplos referenciais. A sociedade encontrava-se atravessada pelos conflitos de uma época marcada pela fragmentação das paisagens naturais (CASTELO BRANCO, 2005), a atuação de diversas forças de poder no corpo social criou tensões que possibilitaram a efetivação do exercício da diferença entre os indivíduos. Observando as condições de existência no cotidiano teresinense da época, é possível estabelecer os *processos de subjetivação* pelos quais a *Curtinália* foi se singularizando. O próprio nome escolhido para referenciar o grupo parte da ideia de distinção entre eles e outra parcela da sociedade, a qual denominam como *Granfinália*.

Do ponto de vista de uma sociedade disciplinada, inserida em uma cultura burguesa, ou seja, “granfina”, fazer parte da turma da “curtição” era um ato de rebeldia contra o estabelecido. A ideia de desobedecer e resistir a tudo que era imposto socialmente foi o principal combustível para as produções culturais da *Curtinália*, as experiências que desenvolveram enquanto jovens os possibilitou tomar posições de sujeito desviantes das normas e a caminharem na contramão das tradições. O agenciamento do corpo para práticas antidisciplinares se articula com as formas desviantes de consumo do espaço urbano, é necessário salientar que as percepções sensoriais dos sujeitos não dependem apenas da fisiologia, a orientação cultural influencia sobremaneira no processo de significação do mundo ao redor.

A grande maioria dos integrantes da *Curtinália* eram provenientes de famílias pertencentes à classe média teresinense, sendo assim é razoável afirmar que foram criados dentro de um modelo padronizado de acordo com os códigos comportamentais burgueses, porém, ao longo do seu desenvolvimento, foram afetados por diversos signos que os levaram a formatar sua subjetividade em outros moldes que fugiam ao esperado e desejado por suas famílias. A família, enquanto instituição, exercia poder e disciplinava os sujeitos durante a infância, assim como outras instituições como a Igreja e a escola, porém, ao longo do processo de desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, as relações de *saber-poder* vão sendo redefinidas, principalmente durante a juventude.

As relações construídas durante a juventude, como as sociabilidades efetivadas nos espaços de lazer, as trocas, ou o contato com novas tecnologias proporcionadas pelo capitalismo vão proporcionando novas possibilidades e formas de se relacionar com o mundo. Os encontros que aconteceram ao longo das vidas dos membros da *Curtinália*, em grande medida, são

explicativos dos processos de rompimento com os territórios tradicionais de existência e a fuga a esses códigos comportamentais.

Uma vez analisadas as condições históricas que possibilitaram a emergência de novas matrizes comportamentais em Teresina, é possível perceber como os discursos expressos nos jornais de ampla circulação veiculados na capital agiam na sociedade buscando disciplinar e docilizar os corpos, principalmente os dos jovens. É notável um esforço pela disciplinarização da juventude que parte de instituições que prezam pela manutenção dos valores tradicionais e pela moral e os bons costumes familiares. As formas de controle empreendidas por essas esferas de poder no corpo social possivelmente garantiriam a articulação harmoniosa da sociedade, uma vez que todos estariam acomodados no interior de uma disciplina, porém, “sempre é bom recordar que não se deve tomar os outros por idiotas” (CERTEAU, 2012, p. 19) e que, embora haja uma *estratégia* de dominação no âmbito macrológico das instituições, ela nunca será completamente eficiente, pois existem *táticas* microbianas de resistência que subvertem essa estratégia.

Em Teresina, essas táticas de resistência, em grande medida, iniciaram através da construção de novas linguagens pela *Curtinália*. O grupo tinha como proposta instituir uma outra organização cultural na cidade, baseada em códigos comportamentais alternativos que se configuram como fuga ao pretendido e esperado pelas instituições tradicionais. No interior de suas produções artísticas surgem discursos disruptivos em relação às normas e aos costumes burgueses. Assim como o corpo, a linguagem é um provedor constante de significações, (LE BRETON, 2016) deste modo, no interior do discurso da *Curtinália* os códigos de gênero e sexualidade, assim como as formas de uso do corpo, vão sendo reconfigurados, pensados a partir de uma lógica distinta e singular.

Um exemplo ilustrativo desta condição foi a flexibilização das barreiras de gênero empreendida pelo grupo através do movimento *Boquitas Rouge*, que consistiu em mais uma forma de *curtir* com as regulações sociais instituídas ao corpo na época. De acordo com a documentação, o *Boquitas Rouge* foi um movimento realizado com fins de provocação, trata-se de uma prática inventada em uma ocasião na qual alguns membros da *Curtinália* estavam reunidos na da Praça da Liberdade com uma câmera fotográfica, a intenção era fazer uma sessão de fotos pelos espaços da cidade.

Arnaldo Albuquerque² passou batom de cor vermelha nos lábios e posou para a foto, lançando a ideia de fazer uma *performance* artística que consistia em passar o batom vermelho

² Desenhista, quadrinista, pintor e fotógrafo. Faleceu em 2015 em Teresina. Como membro integrante da *Curtinália*, participou da produção dos experimentalismos artísticos na década de 1970 em Teresina.

e sair beijando os amigos pela rua, de modo que ficassem com o rosto marcado. Ele argumentou que se inspirou na banda de rock inglesa *Rolling Stones*, cujos membros já faziam esse tipo de *performance* e seria curioso e provocador sair pelas ruas de Teresina reproduzindo a prática.

Os beijos de Arnaldo Albuquerque delineiam uma nova forma de uso do corpo, através dessa e de outras *performances* artísticas, como as citadas acima, ele aciona uma *linha de fuga* e escapa ao esperado pela sociedade, do ponto de vista dos comportamentos pré-determinados para a juventude. Para além disso, também proporciona a abertura de um novo horizonte de análise, uma vez que essa *performance* dá visibilidade ao afastamento dos códigos de virilidade empreendido pelos membros da *Curtinália*, ela possibilita enxergar o surgimento de novas práticas masculinas, é a utilização do corpo alargando o universo de possibilidades masculino.

A partir das suas vivências, a *Curtinália* estava estabelecendo conexões entre arte, corpo e gênero e no interior dessas experiências artísticas buscaram sempre se contrapor às identidades, é possível perceber a partir da análise dos documentos que existia uma valorização da diferença em detrimento da identidade que vai se expressar também no campo do gênero, exemplo disso foi a criação do jornal alternativo *Boquitas Rouge* inspirado pelo movimento de Arnaldo Albuquerque.

A elaboração de outros códigos de existência que escapam à lógica burguesa se constitui em uma *linha de fuga* aos modelos comportamentais padronizados, a produção de uma imprensa alternativa se constitui como fruto da indisciplina e como *linha de fuga* aos padrões desejados pela sociedade, assim como a elaboração de filmes experimentais onde o corpo ganha mais espaço nas discussões e surge como um problema de ordem histórica, como instrumento político e, também, como um potente espaço de produção de subjetividades.

Essa tomada de posição por parte dos integrantes da *Curtinália* foi construída a partir dos discursos absorvidos e práticas desenvolvidas por esse fragmento da juventude que buscou provocar e confrontar as formas hegemônicas de pensamento utilizando a linguagem como principal arma para escapar das formas de disciplinarização. Em meio às tentativas de docilização dos corpos empreendidas no campo institucional, formigava por debaixo da grama, no subterrâneo, na micrologia do cotidiano, práticas antidisciplinares empreendidas por parcela da juventude que agenciava o próprio corpo definindo, assim, linhas de fuga para escapar da sociedade disciplinar.

O corpo indisciplinado é fruto de construção cultural. A elaboração de táticas que fogem à estratégia de captura dos corpos na intenção de docilizá-los através da sujeição constante de suas forças, se dará, em grande medida, no campo das artes experimentais. Uma das formas de expressão dessas artes experimentais foi a imprensa alternativa produzida por parcela da

juventude teresinense que vivenciou os anos 1970 e teve sua subjetividade formatada para a indisciplina e a conseqüente recusa às formas de sujeição empreendidas pelo poder disciplinar.

Considerações Finais

A *Curtinália* buscou questionar os padrões majoritários e os códigos de gênero, sexualidade e uso do corpo através da elaboração de experimentalismos artísticos. A elaboração de uma imprensa alternativa se fez presente, através desse tipo de jornalismo essa fração de jovens ressignificou as palavras, apropriando-se da linguagem como uma espécie de machado com lâmina afiada com o qual cortavam o conservadorismo e viajavam debochadamente pelas veias do tradicionalismo existente na capital piauiense.

O grupo se singularizou a partir da invenção de novas linguagens, mas também se singularizou pela redefinição do corpo a partir das experiências desenvolvidas em Teresina, as sensibilidades distintas em relação aos espaços da cidade reflete a cultura na qual os indivíduos estão inseridos, é necessário compreender que “as percepções sensoriais formam um prisma de significações sobre o mundo, mas elas são modeladas pela educação e utilizadas segundo a história pessoal” (LE BRETON, 2016), nesse sentido a *Curtinália* desenvolveu uma série de práticas próprias enquanto grupo sensível a uma gama de significados próprios de sua orientação cultural.

No interior dos discursos elaborados nas suas produções culturais existe uma resistência ao códigos burgueses, e no interior das práticas é possível perceber tentativas de estabelecer novos códigos comportamentais que fogem às normas tradicionais, o corpo aparece como tema da produção jornalística, as *performances* empreendidas pelo grupo questionam o estabelecido e permitem compreender novas dimensões sensoriais, uma vez que seus corpos aparecem redefinidos do ponto de vista da sensibilidade com o mundo que os cerca.

Referências Bibliográficas

Livros:

CASTELO BRANCO, Edwar de A. *Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005.

CERTEAU, Michel. de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O Recinto do Elogio e da Crítica: Maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: Edufpi, 2017.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

QUEIROZ, Teresinha. Juventude anos sessenta no Brasil: Modos e modas. In: QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Edições Bagaço, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. 6. ed. São Paulo: FGV, 2005.

TORQUATO NETO. *Torquatália: obra reunida de Torquato Neto*. v. 1. Do lado de dentro. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Texto em Coletânea:

BERTOLLI FILHO, C. & AMARAL, M. E. P. Apresentação: Pornochanchada como discurso do desejo. In: BERTOLLI FILHO, C. & AMARAL, M. E. P. *Pornochanchando: em nome da moral, do deboche e do prazer*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 16 - 23.

Trabalhos acadêmicos:

CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LIMA, Frederico Osanan Amorim. *Curto-circuitos na sociedade disciplinar: super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)*. 2007. 121 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

SILVA, Stéfany Marquis de Barros Silva. *Venha pra Curtir: aventuras da Curtinália e usos do corpo nos experimentalismos artísticos de Teresina na década de 1970*. 2019. 160 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí.

Artigo e/ou matéria de jornal:

JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, p. 03, 20 mar. 1971.

O ESTADO DO PIAUÍ. Teresina, 7 abr. 1972.

O ESTADO DO PIAUÍ. Teresina, 28 jan. 1973.

SOARES, Sidney. Bom dia para você. *O Dia*, Teresina, ano XX, n. 2953, p.2, 24 mar. 1970.